

NO TEMPO DE ANTONIO BONFIM: Representações memorialísticas elaboradas por Salomão Barros acerca da cidade de Alagoinhas (1905-1930).

Thiago Machado de Lima.ⁱ

Resumo: Este artigo objetiva problematizar as representações urbanas presentes no livro *Vultos e feito do município de Alagoinhas*, escrito pelo memorialista Salomão Barros, procurando compreender o contexto histórico no qual viveu Antonio Maciel Bonfim, mais conhecido pelo codinome *Miranda*. Portanto, busca-se analisar os silenciamentos de Barros a respeito da militância esquerdista de Bonfim, da sua ascensão ao cargo de secretário-geral do Partido Comunista do Brasil (PCB) durante os anos de 1934 a 1936 e da participação de *Miranda* como um dos líderes dos levantes de novembro de 1935. Ao invés de destacar o passado revolucionário de Bonfim, o autor apresenta a personagem como um incentivador da literatura no município, professor de cursos secundários em várias casas de ensino e redator do *Correio de Alagoinhas*, nada declarando a respeito da projeção nacional de *Miranda* como líder comunista na década de 1930.

Palavras-Chave: Alagoinhas; Antonio Maciel Bonfim; Salomão Antonio Barros.

Para os pesquisadores que elegeram como objeto de pesquisa o estudo das relações entre a História e a Literatura, a cidade de Alagoinhas, interior do estado da Bahia, apresenta-se como um campo muito promissor para o desenvolvimento das investigações nesta área. A afirmativa decorre da evidência segundo a qual a cidade dispõe de um número considerável de obras memorialísticas, que rememoraram e refletiram sobre a história do município. Dentre as obras em questão, destacam-se: *Alagoinhas e seu município* (1902), de Américo Barreira, *Alecrim do Tabuleiro* (1972), de Maria Feijó, *Vultos e feitos do município de Alagoinhas* (1979), de Salomão Barros, e *Traços de Ontem* (1980), de Joanita da Cunha.

A partir da constatação, o presente trabalho objetiva problematizar as representações da cidade, que aparecem no livro *Vultos e feito do município de Alagoinhas*, do memorialista Salomão Barros, procurando compreender o contexto histórico no qual viveu Antonio Maciel Bonfim, mais conhecido pelo codinome *Miranda*. Assim, busca-se analisar os silenciamentos de Barros a respeito da militância de Bonfim, da sua ascensão à direção do Partido Comunista do Brasil (PCB), durante os anos de 1934 a 1936, e da participação de *Miranda* como um dos líderes dos levantes de novembro de 1935. Ao invés de destacar o passado revolucionário de Bonfim, Salomão apresenta a personagem como um incentivador da literatura no município, professor de cursos secundários em vários estabelecimentos de ensino e redator do *Correio de Alagoinhas*, nada declarando a respeito da projeção nacional de *Miranda* como líder comunista na década de 1930.

Retomando a análise acerca das relações entre a historiografia e a literatura, deve-se destacar que, com o advento da História Cultural, mudaram alguns dos pressupostos epistemológicos de Clio. Novos olhares e novas abordagens historiográficas emergiram para refletir sobre os diferentes aspectos das sociedades humanas no tempo. Nessa ótica, um conceito que se tornou relevante para as pesquisas situadas no âmbito da História Cultural foi o de *representação*. Conforme afirmou Sandra Pesavento.

A representação é uma construção feita a partir do real. [...] Envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão [...] São portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.ⁱⁱ

Sob tal perspectiva, o papel da História Cultural é “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler”ⁱⁱⁱ. A literatura, concebida como uma representação indica determinadas visões de uma realidade social. Então, o historiador pode pensar o texto literário enquanto um instrumento que o ajude a refletir sobre essa realidade, percebendo e problematizando as imagens que estão presentes nos seus discursos. Estudar as representações construídas sobre uma determinada cidade é um exemplo de como a literatura pode ser importante para a pesquisa histórica, pois, sendo a urbe “representada por múltiplos olhares”, arquitetônico, urbanístico, iconográfico, entre outros, a literatura também representa a cidade. Em síntese:

Pensar a literatura como uma leitura específica do urbano, capaz de conferir sentidos e resgatar sensibilidades aos cenários citadinos, que nesse espaço tem lugar. Há, pois, uma realidade material – da cidade construída pelos homens, que traz as marcas da ação social. É o que chamamos cidade de pedra, erguida, criada e recriada através dos tempos, derrubada e transformada em sua forma e traçado. Sobre tal cidade, ou em tal cidade, se exercita o olhar literário, que sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto. O escritor, como expectador privilegiado do social, exerce a sua sensibilidade para criar uma cidade do pensamento, traduzida em palavras e figurações mentais imagéticas do espaço urbano e de seus atores.^{iv}

E são tais representações que buscamos em *Vultos e feitos do município de Alagoinhas*, a partir da premissa segundo a qual Salomão Barros “sonha e reconstrói a materialidade da pedra sob a forma de um texto” e, exercendo a sua sensibilidade, cria uma cidade do seu pensamento. No imaginário compartilhado por Barros, a sua Alagoinhas está

ligada aos nomes dos “grandes homens”, ou os “cidadãos de bem” do município, às suas grandes obras, e aos grandes acontecimentos históricos. Ou seja, aos grandes vultos e aos seus feitos na cidade.

No que diz respeito aos dados biográficos do memorialista, Salomão Antonio Barros, filho de José Francisco Barros e Maria da Costa Barros, nasceu na cidade de Alagoinhas, em 27 de julho de 1899. Realizou o curso primário nesta cidade e o preparatório em Salvador. Barros exerceu inúmeras profissões, dentre elas: gráfico, comerciário, jornalista, telegrafista, adjunto de promotor público, escriturário e gerente da caixa econômica de Alagoinhas. O memorialista faleceu em 1986.^v Em 1979, Barros publicou *Vultos e Feitos do município de Alagoinhas*, no qual descreveu a história do município, desde o seu surgimento, no século XVIII, até a década de 1970. Salomão elaborou um livro com informações administrativas, políticas, judiciais, religiosas, associativas e de personalidades de Alagoinhas, dados intercalados com “suas memórias” de cidadão alagoinhense, construindo a sua representação acerca a história da cidade.

Logo no início da obra, Barros declarou o apreço por Américo Barreira (1868-1910), médico cearense, natural de Quixadá, que chegou às paragens de Alagoinhas em 1898 para prestar serviços médicos às vítimas da Guerra de Canudos (1896-1897), também exercendo o ofício de jornalista. Em 1902, Barreira publicou o que podemos chamar de primeiro exemplar do gênero memorialístico da cidade, intitulado *Alagoinhas e seu município*. Salomão Barros utilizou muitas das informações contidas no livro para construir a sua narrativa a respeito do surgimento e desenvolvimento de Alagoinhas, do século XVIII até o início do XX. O procedimento em questão fica bem evidenciado quando Salomão, no capítulo intitulado “O porque”, assim escreve:

É que Américo Barreira disse, ao lançar esse seu livro: - “Se o meu humílimo trabalho puder, adiante, servir de guia e de incentivo a qualquer operoso amador ou profissional das coisas baianas, estará satisfeito um dos fins que o inspiram”. Mas “Alagoinhas e seu Município” é grandioso em todas suas manifestações. Por acharmos ser uma obra que não deva permanecer no esquecimento de todos nós alagoinhenses, - por nascimento ou adoção, é que ele nos serviu de direção e estímulo para uma continuidade que se torna precisa, embora por nós traçada obscuramente.^{vi}

Então, parecendo estar sob forte influência da obra escrita pelo médico cearense, Barros reforçou o mito fundador da cidade, a chegada de um frei lusitano no espaço que é atualmente o bairro de Alagoinhas Velha, além de apresentar fatos relevantes para a história

da cidade – como a elevação do povoado à categoria de município, em 1852, a chegada da Estrada Ferro Bahia ao São Francisco, em 1863, e a construção da Estação Ferroviária São Francisco, responsável pela transferência do núcleo urbano para o entorno da parada de trens, na qual surgiu a urbe de Alagoinhas propriamente dita. Ademais, reforçou a imagem segundo a qual Alagoinhas foi a primeira cidade baiana a aderir a República.

No entanto, os eventos narrados pertencem aos séculos XVIII e XIX – e o que nos interessa são as primeiras décadas do século XX. Assim, no que tange a esse período, ou seja, a época de Antonio Maciel do Bonfim, Salomão descreve uma Alagoinhas sempre próspera. O olhar lançado por Barros sobre a cidade é perceptivelmente elitista. O espaço onde atuam os vultos e foram realizados os seus feitos é o centro da cidade, no qual estão os comerciantes, os estabelecimentos educacionais, os jornais, os espaços de lazer, os cultos religiosos tradicionais, os órgãos públicos e as instituições militares. Ou seja, trata-se de um olhar limitado aos espaços de sociabilidade das elites locais.

Ao tratar dessa época, percebe-se a rememoração efetuada por Barros, principalmente no reforço às imagens de Alagoinhas como “Pórtico de Ouro dos Sertões Baianos” e “Terra da Laranja”. Quanto ao título de “Pórtico de Ouro dos Sertões Baianos”, originou-se de uma frase dita por Rui Barbosa, na ocasião da inauguração do busto do então candidato à Presidente da República, no local conhecido como Parque (atualmente a Praça Rui Barbosa), aludindo a posição estratégica ocupada por Alagoinhas, localizada entre a capital baiana e o sertão – o que influenciou a chegada dos trilhos da Estrada de Ferro Bahia ao São Francisco, em 1863. Salomão descreveu a cena nos seguintes termos:

Naquele busto ficou assegurado o valor do gênio e a gratidão da Cidade a ele que em 3 de dezembro de 1919 proferiu sua 1ª Conferência de caráter político, no Palácio da Prefeitura daquela Cidade, - quando da sua campanha eleitoral, - dizendo de sua admiração à terra, por ele, Ruy, cognominada “Cidade Pórtico de Ouro dos sertões Baianos.” E Ruy fizera uma apologia ao Sertão e ao Mar, após referencia à cidade e a sua população.^{vii}

Outra imagem de Alagoinhas, constantemente reiterada, é aquela referente à “Terra da Laranja”. Em uma passagem, o memorialista assim a descreve:

Como todos nós sabemos, a laranja (*citrus aurantium*) sempre foi uma das principais produções das terras alagoinhense. [...] Podemos voltar aos bons tempos da nossa saborosíssima e elogiada Laranja, em condições de melhor atendimento à procura, suprimindo as praças consumidoras. [...] Adianta-se que o produto chegou a ser conhecido e valorizado no exterior, precisamente na

Alemanha e na Inglaterra, [...] enquanto a população de todo o Estado da Bahia saboreava e sobreestimava o produto.^{viii}

Em várias passagens, a imagem da “Terra da Laranja” foi evocada saudosamente. Em 1951, o próprio Salomão lançou um artigo no qual exaltava a relação entre a cidade e a fruta, intitulado “Nossa Terra tem Laranja”^{ix}. Não obstante, a representação de Alagoinhas como o espaço dos laranjais também aparece nas produções literárias de Joanita da Cunha e Maria Feijó.

Ao lado dessas duas imagens, reiteradas por Barros, pode-se acrescentar a importância decisiva de Alagoinhas para a vitória da Revolução de 1930, conforme descreveu o memorialista:

Alagoinhas teve um papel preponderante e memorável, quando dos últimos dias da revolução iniciada a 5 de julho de 1922, ante o levante realizado por jovens e denodados Militares, tornando-se vitoriosa aos 24 de outubro de 1930.[...] Alagoinhas, assim, teve um destacado papel no movimento revolucionário, ao acolher os vitoriosos combatentes transportados pelos comboios da Leste Brasileiro, procedentes de Sergipe, de início, de Sauípe (BA), onde foi firmada a Paz ante notícia vitoriosa. A “Vitória” foi anunciada, em Alagoinhas, precisamente às 10 horas da manhã daquele memorável 24 de outubro, e no apogeu do contentamento, milhares de corações exultaram com o término das hostilidades, a união das forças em combate.^x

A Alagoinhas, representada pelo memorialista, no início das primeiras décadas do século XX era uma cidade promissora e em processo de modernização, com indústrias, jornais, sistema telefônico, implantação de luz elétrica, na qual se realizavam festas, animadas por grupos musicais, em clubes elegantes. Os grandes acontecimentos ocorridos na cidade são lembrados com entusiasmo pelo memorialista, assim como nomes de “grandes alagoinhenses”, que, acreditava Barros, foram os que proporcionaram o crescimento e o reconhecimento da urbe de Alagoinhas. Mas, não apresenta problemas nem questões intrigantes sobre o município.

Porém, ao analisarmos fontes jornalísticas alagoinhenses que abarcam o período retratado por Salomão Barros em parte do seu Livro, podemos perceber situações que contrastam com uma visão de “ordem e progresso” e temos outra imagem, diferenciada do seu ufanismo, além de outros espaços da cidade que não são descritos pelo memorialista. Não obstante, o jornal Correio de Alagoinhas, em 7 de maio de 1924, trazia uma matéria intitulada “Buracos no Largo da Independência, assim descrita:

Com as sucessivas chuvas que tem caído na nossa cidade, as grossas enxurradas tem cavado e esburacado várias das nossas ruas. Entre essas a que mais esta a exigir imediata providencia por parte da prefeitura é o largo da Independência (Alto do Capinam) que pela sua posição e altitude as águas correm com mais força, abrindo fundos buracos e amplas fendas na terra, ameaçando aos trasuentes principalmente a noite.^{xi}

Em outra edição do Correio de Alagoinhas, datada de 15 de janeiro de 1925, encontrava-se uma matéria relacionada à saúde pública, apresentando o problema do município com a questão dos animais que viviam soltos pela cidade, e assim descrevia a nota intitulada “Porcos soltos”:

Se a Intendência Municipal esta voltando as suas vistas rigorosas para as pastagens de gado nas ruas da cidade, porque razão não estende a atenção e não faz sannar o abuso de se crear porcos soltos dentro do rio, fazendo lama e emporcanhando a água, trazendo assim grande prejuízo a saúde pública?^{xii}

Um terceiro exemplo é uma nota publicada na edição de 20 de setembro de 1930, na qual o articulista dissertava sobre o domínio da luz elétrica em Alagoinhas e, apesar de festejar a implantação do serviço, destacava a precariedade e a não finalização das obras. Assim descrevia a impressão intitulada “Sob o domínio da energia elétrica”:

A cidade relembra hoje a forma grandiosa com que inaugurou o seu serviço de Luz elétrica. Graças a forma porque foi realizado o serviço e o material utilizado ela vem satisfazendo os fins a que se destina. Pena que toda cidade ainda não substituísse o uso da Kerosene pelo da lâmpada dando o resultado preciso para que se faça nas ruas restantes o serviço de posteamento. Também o não ter ainda o governo do estado dado os cinqüenta contos prometidos tem impossibilitado a prefeitura dar cumprimento ao que prometera.^{xiii}

Então, essas três pequenas notas, publicadas no principal meio de comunicação existente em Alagoinhas na década de 1920, apresentam uma cidade que também tinha problemas como qualquer outra. No entanto, longe de tocar nesses aspectos problemáticos, focando apenas no brilhantismo e pioneirismo, a obra do memorialista Salomão Barros representa o momento histórico no qual Antonio Maciel Bonfim viveu na região em que se localiza o município do interior baiano.

Porém, ao se tratar da militância comunista do secretário-geral do PCB durante os anos de 1934 e 1936, houve um silenciamento: a personagem em discussão aparece descrita, sumariamente, nos seguintes termos: Natural de Irará, Ba. Professor de Cursos Secundários

em inúmeras casas de educação em Alagoinhas. Foi redator do *Correio de Alagoinhas*. É Falecido. Ademais, o nome do ativista de esquerda foi listado também como um dos incentivadores literários da cidade.^{xiv}

O interessante é que um episódio ocorrido em Alagoinhas, no final da década de 1920, envolvendo Antonio Maciel do Bonfim (antes mesmo de ingressar no PCB e de se tornar o famoso *Miranda*), amplamente noticiado por órgãos da imprensa estadual (a exemplo de *A Tarde* e do *Diário de Notícias*) e local (*Correio de Alagoinhas*), não foi citado pelo autor. Assim, o *Correio de Alagoinhas*, de 20 de setembro de 1930, chegou às mãos dos habitantes da cidade, noticiando o evento aludido, com uma matéria intitulada: “Antonio Bonfim e o comunismo”. Conforme assinalou Moreira:

Uma matéria, formada por duas colunas, dispostas na primeira página do jornal, desfazia o cenário idílico de um município encravado no Brasil profundo, cuja população mal alcançava os 4 mil habitantes – dos quais mil residiam na sede. O título era inquietante: “Antonio Bonfim e o comunismo”. Na sequência, o articulista destaca que a cidade, desacostumada com acontecimentos fora do comum, estivera por horas impressionada com a notícia da prisão de um dos seus habitantes, como chefe do comunismo na Bahia. Mais tarde, todos estavam cientes de que “se tratava do educado moço com quem toda a cidade mantinha as mais estreitas relações”. Preso e incomunicável, Antonio Bonfim fora escoltado para Salvador, de onde chegaram jornais afirmando estar o mancebo ao lado dos adeptos das idéias de Lênin. Também estariam implicados vários operários, muitos já presos. Assinalando que toda Alagoinhas sentia, junto com a família de Bonfim, uma profunda tristeza, o autor iniciou a construção de uma peça de defesa em favor do acusado, objetivando desacreditar as notícias provenientes do litoral.^{xv}

Não obstante a imprensa soteropolitana identificar Antonio Maciel Bonfim como “chefe do comunismo na Bahia”, o dirigente ainda não era membro do PCB, e sim pertencia à Liga de Ação Revolucionária (LAR). No que diz respeito à história desta organização de esquerda, Moreira destacou que “logo após o lançamento do manifesto de maio, o grupo foi criado por Luis Carlos Prestes (1898-1990), sob o influxo de intelectuais brasileiros trotskista, na Argentina, em julho de 1930”.^{xvi}

Mas, sem desejar aprofundar esta questão, o que nos interessa é refletir acerca do motivo pelo qual Salomão Barros omitiu em seu livro um fato que chocou a opinião pública de Alagoinhas, no fim da década de 1920, pois um dos respeitáveis membros da sociedade alagoinhense, incentivador da literatura no município e colaborador do *Correio de Alagoinhas*, foi preso e acusado de militância comunista. O que ainda torna mais intrigante a

omissão é o fato do memorialista tecer elogios à importância da cidade para a vitória da Revolução de 1930, processo que se desenrolou praticamente na mesma época da prisão de Antônio Bonfim. Ademais, Salomão também omitiu a projeção nacional alcançada por Bonfim, que exerceu o cargo de secretário-geral do PCB ao longo dos anos de 1934 a 1936, já utilizando o codinome *Miranda*, além da sua participação nos levantes de novembro de 1935.

Por que Salomão Barros suprimiu esses fatos da nota biográfica acerca do seu contemporâneo Antônio Maciel Bonfim? Um aspecto relevante sobre a censura exercida pelo memorialista alagoanhense pode ser elucidado com base em uma reflexão de Pesavento:

A literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos medos, sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. Porque se fala disso e não daquilo em um texto? O que é recorrente em uma época, o que escandaliza o que emociona o que é aceito socialmente e o que é condenado ou proibido? Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e por que as pessoas agiam desta ou daquela forma. ^{xvii}

Em consonância com esse raciocínio, podemos levantar determinadas hipóteses acerca dos silenciamentos de Salomão Barros, não somente quanto ao passado comunista de Antonio Bonfim, mas, também, sobre a existência de agrupamentos de esquerda no município de Alagoinhas nas primeiras décadas do século XX – ou mesmo ao longo de três quartos do século XX. A primeira diz respeito à época em que o livro foi escrito e publicado, ou seja, a década de 1970. Como se sabe, no período em questão o Brasil experimentou uma ditadura civil-militar, na qual uma série de representações negativas a respeito do comunismo e dos seus adeptos foram construídas com o intuito de dar legitimidade ao sistema político instaurado no país a partir de 1964. Sob essa perspectiva, podemos compreender o silenciamento de Barros a respeito das questões levantadas, porque macularia as imagens da saudosa Alagoinhas, do “Pórtico de Ouro do Sertões Baianos”, da “Terra da Laranja”, da cidade com vida pacata e feliz, a presença, dentre os vultos ilustres locais, um comunista de projeção nacional. A mesma alusão também valeria para existência das organizações de esquerda no município.

Podemos ir além das questões relacionadas à política nacional, pois talvez fosse mesmo uma pretensão de Salomão Barros não deixar vivos na memória dos alagoinhenses os fatos históricos referidos no parágrafo anterior, pois observamos, em passagens de *Vultos e*

feitos do município de Alagoinhas, uma simpatia para com as concepções do Integralismo, podendo ser confirmado na exaltação à figura de Plínio Salgado. De todo modo, quando Barros listou as agremiações políticas existentes em Alagoinhas, citou a UDN, o PSD, o PTB e o PRP, mas omitiu o PCB – a data de criação do PCB em Alagoinhas não é conhecida, assim como o da sua fundação no estado da Bahia. O memorialista, ainda, apresentou uma interessante versão sobre o papel desempenhado pelos partidos na sua cidade:

[...] Todos eles tendo como finalidade primordial em suas campanhas, a formação e educação cívica, salientando-se o último destes, por conter bases espiritualistas e sólidas raízes nos ensinamentos transmitidos por grandes pensadores, filósofos e sociólogos brasileiros – ação essa provinda da antiga “Ação integralista Brasileira” –AIB (Fundada e mantida sob a chefia de Plínio Salgado que transmitiu aos entusiastas “Camisas Vedes” de ambos os sexos e de todas as idades, - com o fugor doutrinário dos dirigentes dos Núcleos Estaduais, Municipais e distritais espalhados por todo País, - a crença em Deus, o amor à Pátria e o respeito à Família). Plínio Salgado faleceu aos 8 de dezembro de 1975, contando 80 anos de idade, em São Paulo.^{xviii}

Além disso, um indício acerca da ligação de Barros com o movimento Integralista emerge no livro de Laís Monica Reis Ferreira^{xix}, *O integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial 1933-1937*, nesta obra o nome de Salomão Barros é listado como delegado municipal da Ação Integralista Brasileira entre os anos de 1934 a 1935, anos em que Miranda estava no cargo de secretário-geral do PCB.

À guisa de conclusão, destaque-se que o propósito de reconstituir, através da literatura, as representações sobre um espaço urbano, historicamente localizado em determinado período, buscando atingir a sintonia “fina de uma época”, não é tarefa das mais fáceis. Salomão Barros, ao elaborar as suas representações do passado de Alagoinhas, oferece-nos alguns indícios que auxiliam captar um pouco as sensibilidades do momento histórico em que viveu o Antonio Maciel Bonfim. O homem do interior baiano, galgado à condição de secretário-geral do PCB entre 1934 e 1936, sob o codinome *Miranda*, passou a sua juventude numa cidade que experimentou os reflexos dos acontecimentos nacionais e internacionais.

Antônio Maciel Bonfim, estigmatizado por uma parte da historiografia brasileira como o responsável pelo fracasso dos levantes de 1935 e o delator dos seus companheiros de partido, tomou contato com uma Alagoinhas que possuía uma imprensa ativa e as suas elites “enchiam a boca” para exaltar as grandezas do município: “Pórtico de Ouro dos Sertões

Baianos", "Terra da Laranja", primeira cidade republicana da Bahia, etc.. Porém, na cidade também havia a presença dos grupos de operários, como a exemplo do formado pelos trabalhadores da empresa férrea. Assim, no contexto em discussão, *Miranda* iniciou uma trajetória intelectual e uma acidentada formação política. Vários aspectos da sua existência na pacata Alagoinhas ainda são insuficientemente conhecidos pela historiografia. Da mesma forma, a personagem é desconhecida na urbe em que cresceu, pois a memória local, com uma parcela de contribuição de Salomão Barros e dos seus silenciamentos, ignora-o – fato constatado quando, percorrendo a cidade, vemos apenas os nomes dos “grandes homens” preenchendo os nomes das ruas, das escolas, dos monumentos e das praças.

Para concluir essa questão, foi lançado no dia 18 de março do ano de 2011 o livro *Alagoinhas e suas curiosidades*, de Marcelo Santana Machado, o qual apresenta inúmeras “curiosidades” sobre Alagoinhas. O autor cita Salomão Barros, no qual se inspira para “reproduzir curiosidades sobre a cidade”, além de usar algumas dissertações e outras fontes para construir sua obra. Porém, nada é tocado acerca do revolucionário Antonio Bomfim, o *Miranda*. “A memória alagoinhense”, mais uma vez, esqueceu um de seus cidadãos, que participou de um “feito” de impacto nacional.

ⁱ Thiago Machado de Lima é Graduando em História (UNEB/ Campus II - Alagoinhas). É Bolsista de Iniciação Científica – (PIBIC/CNPq), sob orientação do Professor Dr. Raimundo Nonato Pereira Moreira. Email: Thiago_machado20@hotmail.com

ⁱⁱ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 40-41

ⁱⁱⁱ CHARIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa, Difel, 1988.p 16-17.

^{iv} PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade: Visões literárias do Urbano*. Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Edição Universidade/ UFRGS, 2002. p. 10.

^v BARROS, Salomão A. *Vultos e feitos do município de Alagoinhas*. Salvador: Artes Gráficas,1979.p. 07.

^{vi} BARROS, Salomão A, op. cit., p. 23.

^{vii} Ibidem, p. 267

^{viii} Ibidem, p. 79-81

^{ix} Ibidem, p. 81

^x Ibidem, p. 202-205

^{xi} BURACOS no Largo da Independência. *Correio de Alagoinhas*, Alagoinhas, 7 de maio 1924, p. 2.

^{xii} PORCOS soltos. *Correio de Alagoinhas*, Alagoinhas, 15 jan.1925, p. 3.

^{xiii} SOB o domínio da luz elétrica. *Correio de Alagoinhas*, Alagoinhas, 20 set. 1930. p. 1.

^{xiv} BARROS, Salomão, op. cit., p.248-298

^{xv} MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. No rastro de Miranda: convite a uma investigação histórica sobre a trajetória de Antônio Maciel Bonfim. In: SILVA, Paulo Santos (Org.). *Desarquivamento e Narrativa: História, Literatura e Memória*. Salvador: Quarteto, 2010. p. 38.

^{xvi} Ibid., p. 38

^{xvii} PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*, p. 82-83.

^{xviii} BARROS, Salomão A. Op. cit., p.261.

^{xix} FERREIRA, Laís Monica Reis. *Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial 1933/1937*.EDUFBA. 2009. p. 30.